

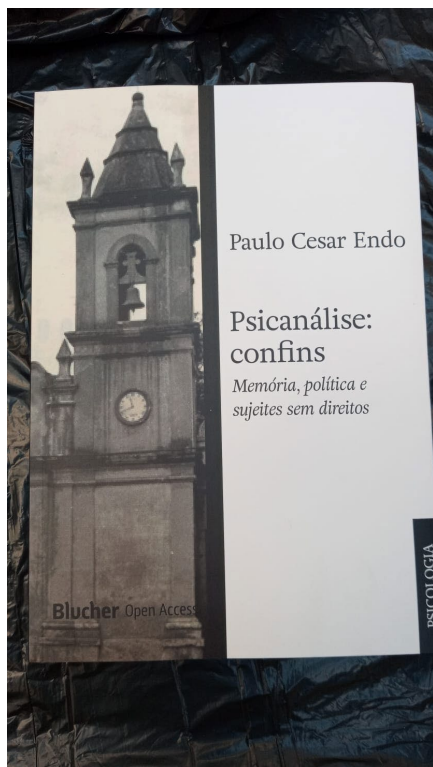
Quando a Psicanálise no Brasil está à altura do seu tempo

Quand la psychanalyse au Brésil vit son temps

When Psychoanalysis in Brazil lives up to present time

Paula Peron*

Resenha de “Psicanálise: confins - memória, política e sujeitos sem direitos”. Paulo Endo, São Paulo: Blucher, 2022. 478p.



Recebi com alegria um convite para participar dos lançamentos dos últimos livros dos psicanalistas e professores Paulo Endo e Edson Luiz André de Sousa, em evento celebrativo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em novembro de 2022. O clima foi de comemoração e alívio, passadas as eleições para a Presidência da República. A verve política dos autores transbordava em conjunto com a plateia. Pela qualidade e relevância, ambos os livros ali comemorados devem alcançar ampla divulgação. A presente resenha restringe-se à algumas linhas sobre o livro de Paulo Endo, pretendendo inspirar o leitor e leitora a irem direto à fonte.

O autor aponta que “como psicanalista, aprendi que tudo são experiências, marcas e construções; que as sutilezas são eloquentes; que os invisíveis revelam o devir; e que o futuro se inscreve no tempo como fantasia e invenção” (p. 14). Convocada por suas palavras, compartilho algumas sutilezas, visíveis e invisíveis que provocaram meus pensamentos, mesmo fragmentários, apoiada na ideia de que “a fala de fragmento não é um pedaço de uma totalidade, nem incompletude a ser integrada ao todo, mas o fragmento tem sua própria eloquência e força, e fala por si” (p.18).

O livro é uma coletânea de vinte e seis textos produzidos nos últimos dez anos, que compuseram sua tese de livre-docência no Instituto de Psicologia da USP, onde coordena o Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, Democracia e Memória do Instituto de Estudos Avançados da USP. Os textos estão divididos em 4 partes: I – Psicanálise: clínica e metapsicologia, II – Sujeitos sem direitos, III – Memória, memoriais e o futuro das democracias e IV – Psicanálise e Teoria Política Contemporânea, nas quais trabalha especialmente sobre pesquisas teórico-clínicas acerca da memória social e política do nosso país,

* Psicóloga e Psicanalista.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4279-836X>

E-mail: prperon@uol.com.br

sobre os cruzamentos da história brasileira, latino-americana e mundial na produção de eventos traumáticos e violentos, entre outras temáticas concernentes às dimensões sociais e subjetivas dos sujeitos. O livro está disponível gratuitamente em formato *Open Access* da Editora Blucher, tendo sido financiado por recursos CAPES. Paulo Endo é também pesquisador da Unit Research on Dreams, Memory and Imagination Studies (Polônia), dos Territórios Clínicos da Memória (Argentina), membro associado do Memory Studies Association e do Grupo Regional Memory Studies Association América Latina. Organiza a plataforma Psicanalistas pela Democracia e já recebeu o Prêmio Jabuti por sua obra *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico*.

Paulo Cesar Endo é um intelectual gigante, com uma trajetória sólida e diversificada, que o coloca entre os grandes pensadores da psicanálise brasileira. Totalmente comprometido com os problemas de nosso tempo, sustenta a tensa e desconfortável posição de insuficiência do saber, já que “alguma coisa falta a dizer em tudo que se diz, em tudo o que se pode dizer sobre as catástrofes sociais e políticas empreendidas e vividas por humanos” (p. 229). Ao mesmo tempo e não por acaso, sem convocar-nos para submissão de pensamento, ele transmite a psicanálise com ética impecável, em suas articulações com as realidades do Brasil. Em seu livro, discutimos juntos ao autor alguns dos efeitos sociais e psíquicos da “ditadura empresarial-civil-militar brasileira” (p. 18) no Brasil pós-ditadura, também os efeitos da escravidão e do colonialismo, e das práticas estatais de morticínios (p.22). Endo também discute a identidade brasileira ou latino-americana da psicanálise (p.25), e o Brasil dos “saberes populares, indígenas, negros que continua e insistentemente interpelam os saberes acadêmicos, científicos e letrados, incluso aí a psicanálise, que persistem em ignorá-los e desconhecem ainda como dialogar com eles” (p.39). Endo não se furta a examinar estes campos com rigor, também baseado na experiência clínica, e sempre a partir da hibridez necessária à psicanálise, recorrendo a outros saberes. O autor leva a escuta potente, proposta pela psicanálise, à clínica, à teoria política contemporânea, às artes e humanidades de um modo amplo, em um debate transdisciplinar que aponta direções e soluções, a partir do mapeamento extensivo de muitos problemas do cenário brasileiro.

Li as 475 páginas a partir dos resíduos da minha prática clínica, como psicanalista em consultório particular e trabalhando na Universidade, supervisionando alunos em trabalhos com populações vulneráveis, onde praticamos “Psicanalizar no escuro” (p.52), como denomina Paulo Endo, e encontramos os corpos desabilitados, os corpos circunscritos, os corpos baldios, encerrados, detidos, feridos e amedrontados, sobre os quais ele discorre. Trabalhamos com populações vulneráveis das margens de São Paulo ou do centro, “as zonas materiais onde a pulsão de morte, como pulsão de destruição, é escoada” (p.136), atravessados pelas práticas eliminacionistas (p.143). Nestas zonas, vemos a solução estética do extermínio, da limpeza étnica, racial e social, bastante discutida no livro. Quando estas problemáticas se colocam na clínica, o analista pode testemunhar um fracasso narcísico radical, a partir do trauma, que leva à renúncia, à resignação, às tentativas de suicídio. O autor discute extensa e intensamente os destinos dos jovens pobres das metrópoles brasileiras, recorrendo também às letras de rap e ao “ethos guerreiro” (p.126) que funcionam como referências identificatórias. O recurso à música e literatura é constante em seu texto, fornecendo vias para pensar temas importantes, como a violência contra os jovens, a violência de Estado, as matanças nas penitenciárias, nos morros, nas periferias e no centro de São Paulo, a violência contra as mulheres. A literatura de testemunho também é apresentada e debatida com o leitor, como estratégia em torno da “preservação e revelação da memória e dos arquivos” (p.315), das catástrofes e das ditaduras.

O tema do traumático está presente de forma transversal no livro, discutido em relação aos sujeitos e, também em suas dimensões coletivas, inclusive as “formas de agenciamento do

traumático utilizados amplamente por governos e governantes” (p.232). Acabamos de atravessar um período intenso de governo pelo medo, no âmbito federal, e no livro encontramos luzes para compreender as políticas de “capitalizar sofrimentos e dores” (p.232), políticas da mentira, do cinismo, do medo e da alienação como parte da agenda e das estratégias de governo e usos políticos alienantes dos efeitos inconscientes do trauma. Com isto, Paulo Endo evidencia as tensões entre lembrar e esquecer, ressaltando a posição política da “impossibilidade de esquecer e do dever de lembrar” (p.239) catástrofes e eventos coletivamente traumáticos.

Ao comentar sobre o trabalho com o paciente que denomina W. (no capítulo Acidente, trauma e catástrofe na clínica psicanalítica), o autor traz o corpo para a cena do trabalho psicanalítico com o trauma, ao falar do caráter surpreendente do acontecimento traumático imune ao alcance do eu. Cita Monique Schneider para falar do excesso traumático experimentado no escuro representativo e no escuro afetivo (p. 47), cuja vivência apresenta-se *a posteriori* como um predomínio do imperativo do instante, que remete ao instante catastrófico que tudo devastou. No trabalho analítico, W. apresenta a fantasia de tudo recuperar, trazendo a reivindicação de possuir, imediatamente, tudo o que lhe foi arrancado (p.49). Nesta situação clínica paradigmática, o analista é transformado em possuidor absoluto do tempo e do destino, percebido como recusando-se a minorar a falta e aplacar a angústia do paciente. Neste campo de transferência maciça, o analista sustenta uma “radicalização das possibilidades construtivas da análise” (p.57), frente a “afetos sem representação”, e “rudimentares significações que custaram a tornar-se palavra” (p.56).

Paulo Endo problematiza também a ideia de identidade brasileira ou latino-americana da psicanálise e nosso encontro com as vidas severinas ou vidas desimportantes (p.26), pensando um Brasil profundo (p.39). Ele está entre os psicanalistas ocupados em avançarmos em nosso letramento, nossa ampliação epistemológica, para além de padrões europeus, e assim combate uma função bastante antipsicanalítica de “preservar ideais e valores de determinados grupos específicos, por sua vez, disseminados como padrões gerais civilizados a serem incorporados, adotados, imitados e transmitidos” (p.386). No campo psicanalítico, repetimos esta alienação a partir da repetição do *habitus*, especialmente se não levarmos em conta a bela definição que ele apresenta de psicanálise (p.413): “há psicanálise onde há interpretação e onde e quando essa interpretação restitui em outrem a restauração de sua condição de intérprete do sujeitos da cultura, da política”. A convocação dos textos do livro é para sustentarmos tais condições para a psicanálise e não temermos a história e nem tampouco o “pensar, com e através da Psicanálise, fenômenos sociais e políticos agudos e urgentes” (p.412), em busca de caminhos potentes e novos.

Estes foram alguns dos fragmentos inspiradores que encontrei, que evidenciam importantes tarefas para a Psicanálise no Brasil.

Citação/Citation: Peron, P. (2023) *Quando a Psicanálise no Brasil está à altura do seu tempo. Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XV, no.spe.), pp. 90-92.

Recebido em: 10/08/2022
Aprovado em: 23/04/2023